

Leitura (Im)possível de Uma Visita

Colecção (Re)Pensar a Religião

Paralelamente à periódica edição da *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, o Centro de Estudos de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias publica também uma série monográfica sobre temas da sua área de pesquisa e estudo, fruto do trabalho de investigação do seu corpo de docentes e investigadores.

- Vol. I *A Questão do Λόγος e os Discursos de Jesus na Evangelho de São João*
Pedro Figueiredo
- Vol. II *A Short Grammar of the Harappā Language*
José Carlos de Calazans
- Vol. III *Breve Instrução Cristã*
João Calvino
- Vol. IV *Baal, ADN de Deus*
Paulo Mendes Pinto
- Vol. V *Leitura (Im)possível de Uma Visita*
Significado e o não-visível na visita de Bento XVI a Portugal
Joaquim Franco

FICHA TÉCNICA

Título: *Leitura (Im)possível de Uma Visita*
Significado e o não-visível na visita de Bento XVI a Portugal

Autor: Joaquim Franco

C/ textos de: Paulo Mendes Pinto
António Marujo
Manuel Vilas-Boas
Rosário Lira
Carla Rodrigues Cardoso

Editor: © Edições Universitárias Lusófonas, 2010

Direcção da Colecção: Paulo Mendes Pinto

Revisão: Manuela Gonzaga

Imagens: Por gentileza da Agência LUSA

Paginação e capa: Rui A. Costa Oliveira

Impressão e acabamentos: Rolo & Filhos II, S.A.

Depósito Legal:

ISBN: 978-972-8881-93-1

Tiragem: 500 exemplares

Leitura (Im)possível de Uma Visita

*Significados e o não-visível na visita de Bento XVI
a Portugal*

JOAQUIM FRANCO



Edições Universitárias
Lusófonas



*Dedico esta reflexão aos amigos e jornalistas que,
direta ou indiretamente,
partilharam esse momento profissional inesquecível
que foi a visita de Bento XVI a Portugal,
e a todos os que, honesta e corajosamente,
se dedicam, em Igreja ou noutras estruturas religiosas,
a um diálogo construtivo e compreensivo
com os jornalistas.*



Introdução

O poder dos media, sobretudo da televisão e, mais recentemente, das redes sociais da Internet, não está isento de profundos paradoxos. Ecrã e projector, numa duplicidade por vezes perversa, traçam novos horizontes de celebrações planetárias, mas com ilusão de falsa presença. Promovem a pluralidade, mas estão sujeitos às idiosincrasias e estereótipos da sociedade. Definem novos contornos de solidariedade, mas não escapam à sombra de promíscuas violações de direitos.

Em Portugal, o mais apelativo e eficaz meio de comunicação continua a ser a televisão, sujeita a fatores que dominam e determinam os conteúdos. A montante do processo produtivo, nomeadamente nos conteúdos informativos, há que ter em conta a influência do poder económico, político e ideológico, com múltiplas fontes de pressão e preconceito. Durante o processo produtivo, a dinâmica televisiva está sujeita ainda ao poder da imagem, à criatividade, à tecnologia e à precariedade laboral, que afeta cada vez mais o meio jornalístico. A jusante, há a tradicional ditadura das audiências, que se cruza com todos os outros poderes. A linguagem televisiva é essencialmente emotiva e se a emoção gera uma verdadeira experiência, então a informação é verdadeira. Dor, sofrimento, violência e escândalo são temas de fácil enquadramento televisivo. Mas há outras dimensões na extremidade da emoção, onde se encontra o fenómeno religioso. O acontecimento religioso tem sido tratado na comunicação social portuguesa sob dois ângulos mais ou menos complementares. Enquanto fenómeno institucional, visível na expressão hierárquica, estrutural e política. Ou enquanto fenómeno misterioso, quando o invisível é visível na experiência comportamental, do simbólico ritual e da espiritualidade. A religião, sobretudo a Igreja, vive o drama do enquadramento de linguagens. A verdade absoluta versus as verdades relativas. Entre o preconceito e a parcialidade. O conflito do tempo e dos valores, entre o perene e o efémero. O conflito cultural e civilizacional. A diversidade e a pluralidade. O sagrado e o profano. Uma difícil equação, quando se sabe que a sociedade se constrói mediaticamente. O que dis-

JOAQUIM FRANCO

tingue um acontecimento religioso de outro qualquer acontecimento? O que faz de um acontecimento religioso um evento mediático? Todos os acontecimentos na intimidade da experiência religiosa e na profundidade das palavras são mediatizáveis? Ou o que se torna mediático é apenas o que se faz visível, despojado dos alicerces, das palavras e da substância? Foi neste contexto que o Papa Bento XVI visitou Portugal de 11 a 14 de Maio de 2010. É neste cenário que se propõe uma leitura (im)possível do evento, o seu enquadramento à luz dos desafios da Igreja e da sociedade, pormenores com leitura simbólica, impacto e sentido para lá da espuma mediática.

A visita teve ampla cobertura mediática. Na sequência, a Licenciatura em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona lançou-me o desafio de organizar uma conferência de balanço. Participaram jornalistas, docentes e alunos. Os professores Luís Melancia (Psicologia da Religião) e Henrique Pinto (Religião e Política), os jornalistas Manuel Vilas Boas (TSF), António Marujo (Público) e Rosário Lira (Antena 1, RTP) foram convidados a fazer o balanço sob o olhar de cada uma das plataformas de comunicação e saber académico. Esta publicação inclui comunicações deste encontro. Entusiasmado pelas reflexões, foi depois desta conferência que aceitei outro desafio: rever a forma e o conteúdo da visita de Bento XVI, com o distanciamento crítico que ensinam mestres do jornalismo especializado na temática religiosa, entre os quais estão os conferencistas referidos. É essa reflexão que se apresenta neste livro. Nada mais se pretende do que um olhar, necessariamente suscetível e falível, sobre o significado, para crentes e não crentes, da visita de Bento XVI a Portugal.